

XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-2 – Organização e Representação do Conhecimento

A CLASSIFICAÇÃO EM SUA PERSPECTIVA FORMATIVA: UM PANORAMA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NACIONAIS

CLASSIFICATION IN ITS FORMATIVE PERSPECTIVE: A PANORAMA IN LIBRARY SCIENCE NATIONAL GRADUATION COURSES

Lais Pereira de Oliveira – Universidade Estadual Paulista

Walter Moreira – Universidade Estadual Paulista

Daniel Martínez-Ávila – Universidade Estadual Paulista

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Aborda a classificação em sua perspectiva formativa. Objetiva analisar a ênfase dada nos cursos de Biblioteconomia nacionais para o tema classificação, a partir dos conteúdos e das fontes neles trabalhados. Metodologicamente caracteriza-se como estudo descritivo de natureza qualitativa. Constitui também pesquisa documental, apoiada pela técnica de análise de conteúdo – na perspectiva de Bardin – e pela sistematização estatística dos dados. Os resultados indicam o predomínio de conteúdos clássicos e fontes tradicionais em classificação. Também se evidencia na maioria dos cursos o conjunto de duas disciplinas na área, distribuídas no 3º e 4º períodos e designadas como Representação temática, Esquemas, Sistemas ou Linguagens de classificação. Conclui-se que a perspectiva formativa em classificação é clássica, tradicional e caracterizada por certa padronização e alinhamento, que acabam por refletir a integração dos cursos brasileiros em uma mesma linha de formação.

Palavras-Chave: Ensino em Biblioteconomia; Disciplinas técnicas; Classificação; Programas de curso.

Abstract: This article approaches the classification in formative perspective. It aims analyzes the emphasis provide in national Librarianship courses for the classification, from the contents and sources worked. This is a descriptive research of qualitative and quantitative approach. It constitutes also documentary research supported by the technique of content analysis – from Bardin’s perspective – and by the statistical systematization of data. The results indicate the predominance of classical contents and traditional sources in classification. Also evident in most of the courses is the set of two disciplines in the area distributed in the 3rd and 4th periods and designated as Subject representation, Schemas, Systems or classification Languages. It is concludes that formative perspective in classification is classic, traditional and characterized by certain standardization and alignment, which end up reflecting the integration of the Brazilian courses in a same line of formation.

Keywords: Teaching in Librarianship; Technical disciplines; Classification; Course programs.

1 INTRODUÇÃO

A classificação é uma atividade humana habitual vista como um processo mental, realizado instintivamente pelo homem (BARBOSA, 1969). Mas classificar representa, ainda, uma dimensão profissional, diante da qual bibliotecários se dedicam a ordenar acervos considerando o assunto tratado, atribuindo a cada descritor um número ou letra (BAPTISTA; ARAÚJO JÚNIOR; CARLAN, 2010). Isso sem falar em seu aspecto de organização social (HJØRLAND, 2008), que sistematiza o saber favorecendo sua compreensão.

A ponte entre as perspectivas acima descritas é feita pela formação técnica e intelectual materializada pelos cursos de graduação em Biblioteconomia. A disciplina de classificação integra teorias que possibilitam entender a lógica inerente ao ato de classificar, assim como embasa a ação classificatória aplicada fundamentada na classificação dos conhecimentos e desenvolvida com uso de sistemas bibliográficos.

Logo, explorar a dimensão formativa em classificação é fundamental para a compreensão desse processo técnico em termos aplicados, bem como de seu elo com a clássica teoria que fundamentou sua consolidação. Nesse sentido, a presente pesquisa se orienta pela seguinte problemática: qual a ênfase dada nos cursos de Biblioteconomia nacionais para o tema classificação, a partir dos conteúdos e das fontes neles trabalhados?

Na verdade, “o ensino de classificação bibliográfica está presente em todos os cursos de Biblioteconomia do Brasil desde o curso do Instituto Mackenzie iniciado em 1929 [...] fundamentando seu currículo básico” (SILVEIRA, 2015, p.500). Mas muitas coisas surgiram no campo biblioteconômico desde então, sendo extremamente importante esse olhar renovado para processos fundamentais à área como a classificação.

De modo que a investigação buscou, centralmente, analisar a ênfase dada nos cursos de Biblioteconomia nacionais para o tema classificação, a partir dos conteúdos e das fontes neles trabalhados. Nesse sentido, detém-se à dimensão formativa em classificação. Parte-se do pressuposto que a formação hodierna ofertada em classificação se orienta especificamente por teorias e bibliografias clássicas no tema, apesar de haver novas formulações e incitações ao tema principalmente com desdobramentos, por exemplo, sobre a teoria facetada, que já à época de seu surgimento transcendeu o papel das classificações rigorosamente hierárquicas (CAFÉ; SALES, 2010).

Em termos teóricos a pesquisa pode contribuir com o enlace conceitual em

classificação, em particular o que se propõe a discutir o aspecto formativo do tema e que fundamenta ações de futuros profissionais. Em uma perspectiva prática o estudo suscita reflexões, possibilitando enxergar necessidades prementes para os currículos biblioteconômicos e mesmo para as concepções fundantes que durante muito tempo perduraram em torno do ato de classificar.

2 CLASSIFICAÇÃO EM TERMOS CONCEITUAIS, FORMATIVOS E APLICADOS

Tendo em vista as várias abordagens para o processo de classificação (KWASNIK, 1999) é importante, a princípio, notar a classificação como uma prática social cotidianamente desenvolvida e, portanto, natural na sua essência e inerente aos homens (SILVEIRA, 2015). Classificar envolve então, o exercício mental de separar dado elemento em classes, estabelecendo com isso determinada ordem.

A classificação consiste no método mais simples de ordenação da natureza, confusa e múltipla por si só. Constitui então processo de seleção de ideias ou objetos, a partir de suas semelhanças e diferenças (BRÄSCHER; CARLAN, 2010).

Também é possível entender a classificação como um processo cognitivo por meio do qual se interpreta a realidade. Com base em um princípio lógico de divisão, estabelecem-se relações e agrupam-se entidades (TORRES; ALMEIDA, 2015). Kwasnik (1999, p.24), por sua vez, ressalta que “uma classificação pode ser usada como uma representação rica do que é conhecido”.

Percebe-se, dentre as concepções supracitadas, a noção de classificação como atividade natural, método de ordenação e seleção de ideias, processo cognitivo de interpretação e representação daquilo que se conhece. Todas em certa medida já sinalizam para sua dimensão processual e os aspectos que põe em prática enquanto tal.

Essa atividade inerente ao homem que é a classificação corporifica-se enquanto processo aplicado na medida em que surge a necessidade de organizar o conhecimento, tornando-se o mecanismo mais básico e intuitivo para esse intento (MARCONDES, 2011). Inicialmente, efetiva-se com as tentativas de filósofos e outros teóricos de dividir e esquematizar os campos do saber, no que se denomina classificação das ciências. Posteriormente, firma-se enquanto prática de classificar o próprio conhecimento produzido nessas áreas, assumindo o status de classificação bibliográfica.

Contudo, classificação científica e bibliográfica seguem em coexistência. A última, inclusive, não é independente da primeira; deve, ao contrário, basear-se nela (HJØRLAND, 2012). Afinal, a função principal de uma classificação bibliográfica é organizar informação, tendo por base o assunto. E nas atividades de informação, organização significa classificação em sentido mais amplo (GOMES, 2017).

Desse momento em diante a classificação assume caráter técnico-profissional, sobretudo no âmbito da Biblioteconomia. Com o tempo solidifica-se como área sobre a qual incidem pesquisas científicas e formação teórica ofertada em cursos de graduação, além de uma dimensão aplicada representada pela atuação técnica de organização por assunto desenvolvida em unidades de informação.

A partir de então, pode-se compreender a classificação como processo de organização da informação (SOUSA; FUJITA, 2013) que, no âmbito biblioteconômico, envolve a atribuição de livros a uma ou mais classes (HJØRLAND, 2012). Objetiva, portanto, “abstrair a realidade representada nos documentos para chegar a fatos que possam ser recombinaados em novos (formatos de) documentos” (SMIRAGLIA; VAN DEN HEUVEL, 2013, p.368).

Falar em classificação bibliográfica é então, referir-se à classificação prática (BARBOSA, 1962). Sendo que “ao longo da sua história como disciplina, alinham-se diferentes propostas de critérios ou esquemas de classificação” (MARCONDES, 2011, p.142). Assim sendo, enquanto atividade de organização física a classificação adota sistemas de classificação, tendo base teórica em Dewey e em Otlet (SALES, 2011).

De modo aplicado, portanto, a classificação se refere a uma técnica de tratamento temático da informação, desenvolvida por bibliotecários com vistas a organizar os acervos. Com isso, gera números ou símbolos de classificação, utilizando sistemas de classificação, dentre os quais tem-se as clássicas Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU) (CAFÉ; SALES, 2010).

A partir de seus códigos e notações, as tradicionais classificações bibliográficas servirão como pontos de acesso a documentos e informações (BAPTISTA; ARAÚJO JÚNIOR; CARLAN, 2010). A classificação se torna aqui, processo, mas também produto.

Assim, em Biblioteconomia e Ciência da Informação a classificação se refere tanto ao sistema de classes usado na organização de um conjunto de entidades quanto a um grupo ou classe presente em um sistema de classificação. Além disso, caracteriza o próprio processo de atribuição de entidades oriundas de um sistema de classificação (JACOB, 2004).

O bibliotecário classifica tendo por base o assunto tratado nos itens, estabelecendo a partir disso a ordenação física dos materiais com o apoio de um conjunto de classes mutuamente exclusivas consubstanciadas em esquemas (JACOB, 2004), que formam os sistemas de classificação bibliográfica. Nesse sentido, tem-se nas classificações bibliográficas instrumentos de trabalho mediante os quais se representa de maneira sintética o conteúdo dos documentos, reunindo-os pela afinidade de assuntos que trazem consigo (SILVEIRA, 2015).

Falar de classificação bibliográfica é, portanto, falar de uma atividade sistematizada que se realiza com apoio dos sistemas de classificação. Estes, por sua vez, possibilitam a ordenação física e são largamente utilizados em bibliotecas para compor os números de chamada, apesar de não responderem suficientemente às necessidades de representação da informação (TORRES; ALMEIDA, 2015).

Há que se considerar que, apesar do advento do suporte digital, o físico continua tendo sua relevância. Demanda, portanto, ações de organização. Ademais, grandes acervos exigem arranjo sistemático nas estantes além de representação lógica de seu conteúdo intelectual, afinal o livro é um objeto físico e também portador de conhecimento (SOUZA, 2007).

Essa importante atividade profissional, que é classificar por assunto, precisa ser também enxergada em sua dimensão formativa, pois “a formação ofertada em Biblioteconomia orienta as ações profissionais nesse campo, influenciando-as diretamente” (OLIVEIRA, 2018, p.25). Na verdade, “o ensino de classificação bibliográfica é elemento tradicional e fundamental para a formação dos futuros bibliotecários brasileiros, tornando-os tecnicamente preparados para as exigências do mercado de trabalho” (SILVEIRA, 2015, p.500).

Contudo, para além da importância científica da formação biblioteconômica, uma série de outros fatores irão condicionar a aprendizagem (MORO CABERO; ALONSO ARÉVALO; CARO CASTRO, 1997). Por isso a relevância de estudos como o que ora se institui, que pode avizinhar-se do tema e auxiliar grandemente em sua compreensão no âmbito da academia.

3 METODOLOGIA

A pesquisa é descritiva e de natureza quali-quantitativa, pois lida com aspectos quantificáveis da realidade investigada – as disciplinas acadêmicas de classificação – expondo e descrevendo tais constatações. Ao mesmo tempo, propõe-se a compreender e interpretar elementos dessa importante área biblioteconômica que é a classificação.

Tem-se ainda pesquisa documental, uma vez que a coleta dos dados envolveu projetos pedagógicos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, ofertados no Brasil. Logo, o estudo teve como foco todas as graduações no grau de bacharelado da área supracitada, que funcionam na modalidade presencial e se encontram ativas e em curso em universidades públicas federais e estaduais. Centros universitários e faculdades de instituições particulares não compuseram a amostragem, sendo o intuito apenas o contexto público de ensino em Biblioteconomia.

A seleção ocorreu a partir de pesquisa no portal do Ministério da Educação, via sistema e-MEC. Resultou em um total de 30 cursos de graduação – 27 de instituições federais e 03 de estaduais – distribuídos nas cinco regiões brasileiras, sendo: 02 na região norte, 11 na região nordeste, 03 na região centro-oeste, 09 na região sudeste e 05 na região sul.

O levantamento dos projetos pedagógicos foi feito individualmente, mediante busca nos portais institucionais de cada um dos 30 cursos de graduação em Biblioteconomia. Durante a prospecção constatou-se que, em 14 deles, os projetos pedagógicos não estavam acessíveis. Em 13 encontrou-se apenas uma matriz curricular resumida – inviabilizando a real compreensão do teor dos conteúdos ofertados nas disciplinas de classificação e em certos casos, impossibilitando também uma análise sobre as bibliografias, conforme objetivo central da investigação.

Sendo assim, executou-se sobre o conjunto acessível – 29 dos 30 portais institucionais – um trabalho de prospecção e análise dos conteúdos e fontes da área de classificação por meio de sistematização estatística e da técnica de análise de conteúdo. Esta última, aplicada na perspectiva de Bardin (2010), viabilizou desde a seleção das disciplinas da área de classificação, com ênfase analítica sobre nomes e ementas destas, até a compreensão dos conteúdos específicos nelas trabalhados, na medida em que sustentou a constituição de categorias temáticas representativas do fundo teórico das matérias.

4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Apesar da redução do escopo, indicado na metodologia, desenvolveu-se mapeamento nacional até certo ponto abrangente, que traz descrições relevantes acerca da classificação em sua perspectiva formativa. Na via quantitativa, trabalhadas sobre o conjunto de 30 cursos; já na qualitativa, em apenas 29. Isso porque, em função da falta de acesso a ementas e bibliografias da graduação em Biblioteconomia da UESPI, demonstram-se apenas dados estatísticos das suas disciplinas (vide tabela 1).

Com relação à vertente qualitativa explorada no estudo, em 16 cursos concretizou-se tanto a análise das ementas, para delimitação dos conteúdos, quanto das bibliografias, para recorte das fontes utilizadas. Em 13, porém, foi realizada somente a primeira etapa, já que se teve acesso apenas sobre a matriz curricular resumida disponibilizada no portal. Inviabilizou-se, assim, o olhar sobre a bibliografia básica das matérias.

A partir da pesquisa documental nos projetos pedagógicos foi possível constatar, a princípio: a quantidade de disciplinas, a distribuição destas ao longo dos cursos e a nomenclatura adotada. Como se observa na tabela 1, a maior parte das universidades públicas oferta duas disciplinas na área de classificação. Esse é o cenário em 18 graduações em Biblioteconomia pelo país. Em 10 delas há apenas uma disciplina no campo.

Tabela 1: Disciplinas de classificação nos cursos de Biblioteconomia.

Instituições		Disciplinas				
Região	Sigla	2º período	3º período	4º período	5º período	6º período
Norte	UNIR			Classificação I	Classificação II	
	UFAM				Representação Temática	
Nordeste	UESPI			Classificação I	Classificação II	Classificação III
	UFBA		Organização Temática da Informação I	Organização Temática da Informação II		
	UFPB		Representação Temática da Informação I			
	UFAL		Representação Temática I	Representação Temática II		
	UFPE	Teoria da Classificação	Linguagens Documentárias Hierárquicas			
	UFS		Representação Temática I	Representação Temática II		
	UFCA				Linguagem Documentária Alfanumérica: CDD	Linguagem Documentária Alfanumérica: CDU
	UFC				Linguagens Documentárias	Linguagens Documentárias

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

					Alfanuméricas: CDD	Alfanuméricas: CDU
	UFMA				Linguagem Documentária I	Linguagem Documentária II
	UFPA		Representação Temática da Informação I			
	UFRN		Classificação Bibliográfica I	Classificação Bibliográfica II		
Centro-Oeste	UnB			Classificação		
	UFG		Linguagens de Classificação I	Linguagens de Classificação II		
	UFMT		Representação Temática I*		Representação Temática II**	
Sudeste	USP		Linguagens Documentárias I	Linguagens Documentárias II		
	USP-RP		Sistemas de Organização do Conhecimento I			
	UNESP		Sistemas de Classificação Bibliográfica			
	UFMG				Sistemas de Classificação: CDD	Sistemas de Classificação: CDU
	UFSCAR	Análise e Representação Temática da Informação	Linguagens Documentárias I			
	UFES		Representação Temática I		Representação Temática III	
	UNIRIO				Sistemas de Organização do Conhecimento I	Sistemas de Organização do Conhecimento II
	UFRJ		Representação Temática I	Representação Temática II		
	UFF			Representação Temática de Documentos II		
		UFSC				Sistemas de Classificação
Sul	UEL	Esquemas de Classificação				
	UDESC			Representação Temática I	Representação Temática II	
	FURG			Sistemas de Classificação: Teoria e Prática		
	UFRGS		Sistemas de Classificação I	Sistemas de Classificação II		

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

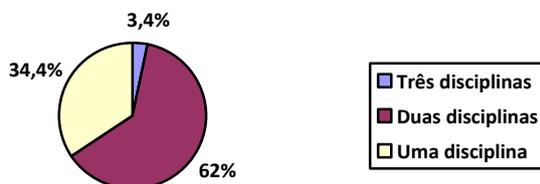
* Ofertada no ano 2.

** Ofertada no ano 3.

Fechando a amostragem das instituições investigadas tem-se a UESPI, a única a ofertar três disciplinas de classificação. Já a UFMT – não exposta no gráfico abaixo – tem curso anual. As disciplinas de Representação Temática I e II acontecem nos anos 2 e 3,

segundo informações descritas em seu portal institucional. Graficamente e em termos quantitativos tem-se:

Gráfico 1: Quantidade de disciplinas de classificação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Há que se ressaltar que a análise de conteúdo para determinação da quantidade de disciplinas de classificação ofertadas nas graduações em Biblioteconomia considerou a presença dessa nomenclatura no título e na ementa das matérias relativas ao eixo técnico. Assim sendo, foram desconsideradas as disciplinas de designação genérica e em cujo ementário não havia menção explícita ao termo classificação.

O quantitativo de duas disciplinas – predominante em mais de 60% dos casos, conforme gráfico 1 – pode viabilizar a formação tanto em teoria da classificação como também sobre a vertente aplicada refletida nos sistemas de classificação. Nos demais cursos, porém, nos quais se nota a concentração de todo o conteúdo da área em uma única matéria, pode ser insuficiente.

Ademais, a classificação como disciplina teve diferentes propostas de critérios ao longo dos anos (MARCONDES, 2011), que precisam ser minimamente explorados no ensino da mesma. Isso sem falar na necessária compreensão da classificação enquanto processo voltado à atribuição de entidades por meio de sistemas de classificação (JACOB, 2004).

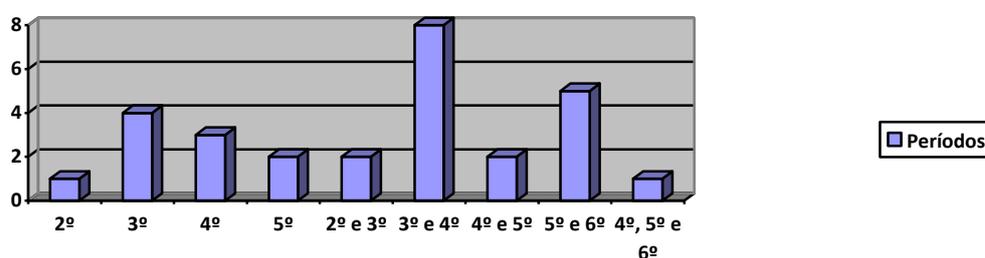
A depender da carga horária, será mínimo o espaço para tratar o conjunto teórico e prático que norteia o tema, o que pode demandar um complemento em outras disciplinas, inclusive. Acredita-se, contudo, que isso aconteça em alguma medida, especialmente nos casos supramencionados nos quais se observa a presença de matérias de designação genérica, detidas ao universo de tratamento temático, mas não exclusivamente detidas ao processo técnico de classificação.

Há que se ressaltar o quantitativo de disciplinas sobretudo porque a classificação tem uma dimensão teórica e uma aplicada, que precisam ser devidamente contempladas nas aulas da graduação para garantir a instauração de sentido em torno desse relevante processo. E também pelo fato de a formação na área orientar a atuação profissional (OLIVEIRA, 2018), o que demanda cuidado na formação acadêmica do futuro classificador.

Portanto, apenas no que o aluno for adequadamente formado é que terá condições de atuar. Isso sem falar na complexidade que envolve o ato de classificar, que é um processo cognitivo (TORRES; ALMEIDA, 2015) e de abstração da realidade presente nos documentos (SMIRAGLIA; VAN DEN HEUVEL, 2013) por si só, difícil de ensinar. Questões estas que reforçam a necessidade de atenção extremada para com as disciplinas biblioteconômicas de classificação e o quantitativo representativo destas nos cursos.

Além da quantidade de disciplinas, verificou-se uma distribuição específica destas (vide tabela 1) ao longo dos quatro anos de graduação. O Gráfico 2 explora esses dados:

Gráfico 2: Distribuição das disciplinas de classificação por período.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Nota-se, pelo gráfico acima, a concentração das matérias de classificação no 3º e 4º períodos dos cursos. É essa a realidade em 8 instituições. Em 5, as disciplinas se encontram entre o 5º e o 6º períodos. Já em 2 cursos são ofertadas entre o 2º e o 3º períodos e, em outros 2, entre o 4º e o 5º períodos. Todos esses ofertam duas disciplinas ao longo da graduação. Também no gráfico está a UESPI, a única instituição cuja graduação conta com três disciplinas, no 4º, 5º e 6º períodos.

Já nos cursos que ofertam apenas uma matéria, tem-se o seguinte panorama: na UEL, a disciplina de classificação acontece no 2º período; na UFPB, na UFPA, na USP-RP e na UNESP, no 3º período; na UFF, na FURG e na UnB, no 4º; e na UFAM e na UFSC, no 5º. Entretanto, há instituições em que a oferta não acontece de modo sequencial e que ficaram

de fora da representação. No caso da UFES a distribuição – também de duas disciplinas – é alternada. Acontece no 3º e 5º períodos. E na UFMT, cujo regime é anual, as disciplinas se estabelecem no segundo e terceiro anos e não por semestre.

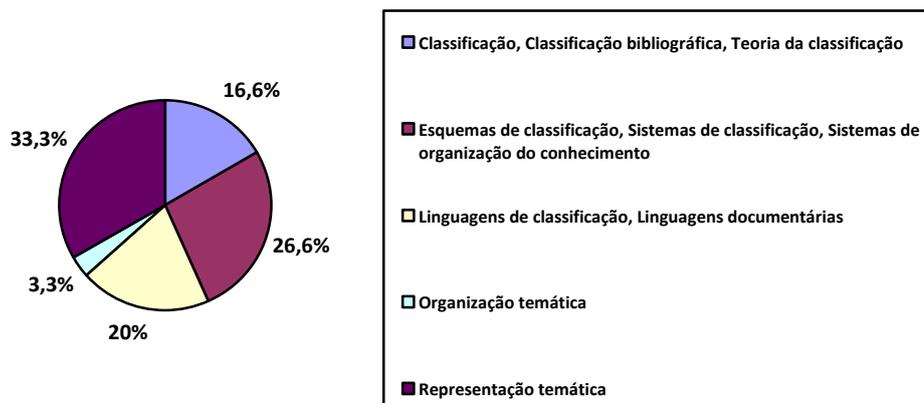
Esse cenário demonstra a diversidade na organização das grades curriculares biblioteconômicas, o que influi diretamente no modo como o discente vai enxergar a disciplina de classificação. Pode inclusive, vir a ser um dos fatores condicionantes da aprendizagem (MORO CABERO; ALONSO ARÉVALO; CARO CASTRO, 1997), posto que representa uma sequência de conhecimentos e o modo como serão distribuídos e apresentados.

Uma discussão a ser levantada diz respeito ao período no qual o discente de Biblioteconomia entra em contato com a classificação no seu curso de graduação. Em alguns casos – como se constata pelos dados obtidos – isso acontecerá bem cedo, ainda no primeiro ano de formação. Em outros se dará na metade ou final deste.

É importante alçar esse aspecto à reflexão como forma de perceber o que seria mais adequado para a formação discente. Afinal, classificações são instrumentos de trabalho (SILVEIRA, 2015), mas um bibliotecário se faz a partir de múltiplas dimensões formativas, incluindo a técnica, que por suas especificidades precisa ser alvo de ponderações.

A nomenclatura adotada nas disciplinas de classificação é outro aspecto a ser ressaltado. Percebeu-se uma variedade de denominações (ver tabela 1). Assim:

Gráfico 3: Nomenclatura das disciplinas de classificação.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Como demonstra o gráfico 3, mais de 30% dos cursos de Biblioteconomia denomina suas disciplinas de classificação como Representação temática. Isso equivale a um conjunto

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

de 10 cursos em um total de 30. Trata-se, então, de nomear a atividade a partir da ação que desenvolve, ou seja, a representação de assunto.

Em parcela do mesmo modo significativa está um grupo de 8 graduações (26,6%), que emprega a nomenclatura Esquemas de classificação, Sistemas de classificação ou Sistemas de organização do conhecimento. Neste caso, o cerne é a estrutura ou instrumento base para o trabalho do classificador.

Também expressiva é a quantia de 6 cursos (20%), que opta pela denominação Linguagens de classificação ou Linguagens documentárias. A ênfase aqui é sobre um dos perfis assumidos pela classificação, enquanto linguagem de controle que unifica e padroniza na medida em que representa e ordena.

Vale ressaltar, ainda, um pequeno número de cursos em que a própria palavra Classificação é usada na denominação das matérias (5 – 16,6%), ou a caracterização é feita como Organização temática (1 – 3,3%). Novamente, o foco é sobre as ações desenvolvidas em seu âmbito: classificar e organizar tematicamente os documentos.

A ampla gama de designações demonstra a multiplicidade de instâncias nas quais se encaixa a classificação e mesmo das quais esta usufrui ou com as quais faz intersecção. Em suma, evidenciam-se também as muitas abordagens para o processo de classificação (KWASNIK, 1999). Afinal, falamos dele enquanto ação prática (BARBOSA, 1962) mas, há também uma dimensão teórica fundamental, que precisa estar representada nas disciplinas. É ela, aliás, que embasará o trabalho cotidiano do classificador e sustentará suas ações.

Partindo agora para uma vertente mais qualitativa do estudo, o olhar se volta a apenas 29 cursos. Com relação aos conteúdos de classificação, identificados, agrupados e condensados a partir das ementas das disciplinas da área, tem-se o seguinte panorama:

Quadro 1: Conteúdos de classificação trabalhados nos cursos de Biblioteconomia.

Cursos	Conteúdos
UNIR	Classificação do conhecimento. Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UFAM	Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Notação de autor.
UFBA	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Notação de autor. CDD. CDU.
UFPB	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UFAL	Classificação do conhecimento. Teoria da classificação. CDD. CDU.
UFPE	Classificação do conhecimento. Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UFS	CDD. CDU.
UFCA	CDD. CDU.
UFC	Representação documentária por meio da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.

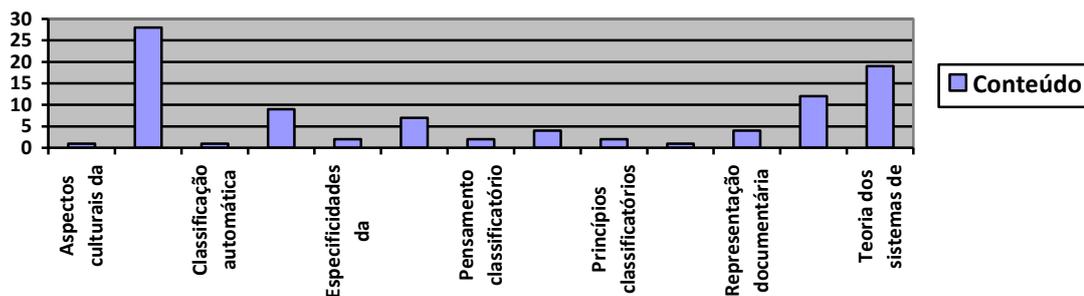
XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

UFMA	Classificação do conhecimento. CDD. CDU.
UFPA	Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Pensamento classificatório. Representação documental por meio da classificação. CDD. CDU.
UFRN	CDD. CDU.
UnB	Pensamento classificatório. Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Representação documental por meio da classificação. CDD. CDU.
UFG	Classificação do conhecimento. Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Notação de autor. Regras de classificação. Especificidades da classificação no contexto informacional. CDD. CDU.
UFMT	Classificação do conhecimento. Teoria da classificação. Notação de autor. Práticas de classificação. CDD. CDU.
USP	Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Princípios classificatórios para arquitetura da informação. CDD. CDU.
USP-RP	Classificação do conhecimento. Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Aspectos culturais da classificação. Especificidades da classificação no contexto informacional. CDD. CDU.
UNESP	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UFMG	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UFSCAR	Classificação do conhecimento. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Práticas de classificação. Classificação automática. Notação de autor. Princípios classificatórios para arquitetura da informação. CDD. CDU.
UFES	Classificação do conhecimento. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Práticas de classificação. CDD. CDU.
UNIRIO	Notação de autor. CDD. CDU.
UFRJ	Representação documental por meio da classificação. Teoria da classificação. Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UFF	CDD. CDU.
UFSC	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Notação de autor. Práticas de classificação. CDD. CDU.
UEL	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.
UDESC	Teoria da classificação. CDD. CDU.
FURG	CDD. CDU.
UFRGS	Teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. CDD. CDU.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Conforme demonstra o quadro acima, boa parte das graduações contempla: a formação teórica em classificação, o que é positivo por ser esta mecanismo básico e intuitivo de organização do conhecimento (MARCONDES, 2011), que precisa ser explorado para além de sua aplicabilidade técnica cotidiana; e também sua base aplicada, representada pelas clássicas CDD e CDU (CAFÉ; SALES, 2010). O gráfico abaixo destaca o quantitativo:

Gráfico 4: Quantitativo individual dos conteúdos trabalhados.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Nota-se pelo gráfico acima, que o conteúdo mais explorado nas graduações em Biblioteconomia é CDD e CDU, que está presente em 28 cursos. Na sequência destacam-se: Teoria dos sistemas de classificação (19); Teoria da classificação (12); Classificação do conhecimento (9); e Notação de autor (7). Em menor número aparecem conteúdos como: Práticas de classificação (4); Representação documentária por meio da classificação (4); Especificidades da classificação no contexto informacional (2); Pensamento classificatório (2); Princípios classificatórios (2); Aspectos culturais da classificação (1); Classificação automática (1); e Regras de classificação (1).

Pela leitura e análise das ementas constatou-se que, em certos casos, o núcleo sobre CDD e CDU – que é o mais presente – aparece apenas com essa designação. Em outros surge de modo detalhado, indicando tratar sobre a origem e evolução de tais sistemas, seus princípios, objetivos e finalidades, a estrutura e composição das notações, assim como as tabelas auxiliares e a aplicação dos seus recursos.

Considerando as clássicas CDD e CDU como os principais sistemas de classificação adotados em unidades de informação (CAFÉ; SALES, 2010), pode-se depreender que as graduações biblioteconômicas brasileiras cumprem devidamente seu papel, preparando o discente para sua manipulação. Isso também favorece a prática em classificação, com uso de tais sistemas bibliográficos, assim como o preparo técnico dos futuros bibliotecários (SILVEIRA, 2015).

A abordagem da notação de autor, que aparece em 7 cursos, também amplia sobremaneira a noção sobre a composição alfanumérica que acompanhará as obras. Afinal, além do número de classificação, as notações extraídas das tabelas PHA e Cutter-Sanborn são parte do processo e formarão o denominado número de chamada que permite a organização do acervo (TORRES; ALMEIDA, 2015).

Nota-se ainda, um número expressivo de cursos que prima por conteúdos em classificação do conhecimento, teoria da classificação e teoria dos sistemas de classificação bibliográfica. Os dois primeiros perpassam por questões mais teóricas e de fundamentação, envolvendo: classificações filosóficas ou das ciências e suas contribuições à classificação bibliográfica; origens e conceituações fundamentais no tema classificação; coordenação, superordenação e subordinação entre termos; relacionamentos hierárquicos; princípios da classificação; noções sobre esquemas e arranjos, entre outros.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Já a teoria dos sistemas de classificação bibliográfica aparece ora com essa denominação ora destrinchada a partir dos tradicionais sistemas de Cutter, da Library of Congress, de Brown, de Ranganathan, de Bliss e do Classification Research Group, sendo que algumas graduações abarcam apenas alguns destes. Outras demonstram ênfase apenas na Classificação facetada de Ranganathan, que representou uma grande transição na noção de ordenação por classes de assuntos. Há casos em que os sistemas aparecem agrupados enquanto base para compreensão da CDD e da CDU, tratadas individualmente e sobre as quais parece ser destinado maior espaço, pela própria proeminência a nível mundial e predomínio nas unidades de informação.

No caso dos conteúdos que aparecem em menor número, vale destacar a preocupação de alguns cursos em abordar a prática em classificação e a representação documentária por esta propiciada. Juntamente com o conteúdo de CDD e CDU o discente conseguirá ter nestes uma maior assimilação do ato classificatório em termos aplicados.

Além disso, deve-se ressaltar os conteúdos diferenciados que aparecem nos cursos da UFPA, UnB, UFG, USP, USP-RP e UFSCAR, quais sejam: aspectos culturais da classificação, classificação automática, especificidades da classificação no contexto informacional, pensamento classificatório, princípios classificatórios e regras de classificação. Estes sinalizam para uma abordagem mais diversa da temática classificação, que não se restringe – nestes casos – apenas a questões clássicas ao tema. É, portanto, uma tentativa de ampliar o escopo e permitir ao discente enxergar elementos que extrapolam a consulta mecânica a um sistema em busca de dada notação.

Quanto às fontes, analisadas mediante olhar sobre as bibliografias básicas das disciplinas de classificação, constatou-se o predomínio de vários autores clássicos, mas que em algumas ementas são integrados a outros mais contemporâneos. Assim, tem-se:

Quadro 2: Fontes que compõem a bibliografia básica das disciplinas de classificação.

Cursos	Fontes
UNIR	Barbosa (1969). Campos (1978). Conferência (1979). Dewey, M. (1980)o1. Gigante (1996). Lehnus (1978). Mcilwaine (1998). Mendes (1995). Piedade, M. (1977)o1. Silva; Ganim (1994). Souza, S. (2001)o1, UDC (1997)o1.
UFAL	Cintra (2002). Dewey, M. (2004)o1. Langridge, D. (2006)o1. Piedade, M. (1983)o1. Souza, S. (2004)o2. UDC (1997)o1.
UFC	Barbosa (1969). Cutter (1969)o1. Dewey, M. (2011)o1. Fontenele (2010). Guinchat; Menou (1994). McGarry (1999). Piedade, M. (1977)o1. Silva; Ganim (1994). Silva, O. (2007)o1. Silva, O. (2010)o2. Souza, S. (2010)o2.
UFPA	Barbosa (1969). Foskett (1973). Langridge, D. (1977)o1. Lentino, N. (1967)o1. Menezes; Campos (1987)o1. Piedade, M. (1983)o1.
UFRRN	Campos; Menezes (1992)o1. Dewey, M. (2011)o1. Lentino, N. (1971)o2. Silva, O. (2007)o1. Souza, S. (2009)o2.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

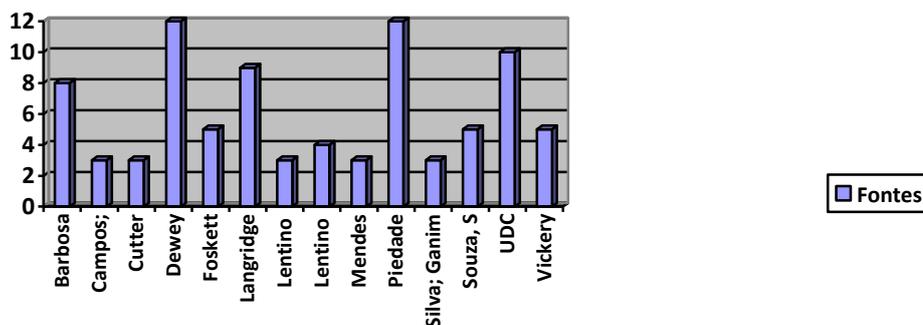
	UDC (2007)o1.
UnB	Barbosa (1969). Foskett (1973). Langridge, D. (1977)o1. Lentino, N. (1967)o1. Menezes; Campos (1987)o1. Piedade, M. (1983)o1.
UFG	Alvares (2012). Barbosa (1969). Dewey, M. (2003). Guarido (2010)o2. UDC (2007)o1. Vickery, B. (1980)o2.
UFMT	Dewey, M. (1995)o1. Piedade, M. (1983)o1. UDC (1997)o1. Vasconcelos (1992).
USP	Araújo (2006). Burke (2003). Guarido (2008)o1. Guinchat; Menou (1994). Hjørland (2011). Iyer (1995). Langridge (2006)o1. Lara (2001). Mai (2011). Slavic (2008). Souza, R. (2007). Souza, S. (2004)o2. Souza, S. (2010)o2. Vickery, B. (1963)o1. Vickery, B. (1980)o2.
USP-RP	Alvares (2012). Anjos (2008). Barbosa (1969). Bräscher; Café (2008). Broughton (2004). Campos; Menezes (1992)o1. Cintra (2002). Dewey, M. (2003)o1. Fernández; Martínez (2002). Foskett (1973). Guarido (2008)o1. Hunter (2002). IBICT (1996). Langridge, D. (1977)o1. Piedade, M. (1983)o1. Pinto (1999). Ranganathan (1960)o1. Ranganathan (1963)o2. UDC (1997)o1. Vickery, B. (1980)o2.
UNESP	Dewey, D. (2003)o1. Langridge, D. (1977)o1. Piedade, M. (1983)o1. Ranganathan (1960)o1. UDC (1997)o1. Vickery, B. (1980)o2.
UFSCAR	Centro (2011). Dewey, M. (2003)o1. Dias; Naves (2007). Foskett (1973). Langridge, D. (1977). Piedade, M. (1983)o1. Souza, S. (2002)o1. UDC (1987)o1.
UFES	Barbosa (1969). Cutter (1976)o1. Dewey, M. (2011)o1. Lima; Alvares (2012). Piedade, M. (1977)o1.
UFRJ	Campos; Menezes (1992)o1. Langridge, D. (1977)o1. Lentino, N. (1970)o2. Piedade, M. (1977)o1. Vickery, B. (1980)o2.
UFSC	Barbosa (1969). Dewey, M. (2011)o1. Langridge, D. (1971)o1. Lentino, N. (1967)o1. Lentino, N. (1971)o2. Mendes (1995). OCLC (s.d.). Piedade, M. (1983)o1. Prado (1984). Silva; Ganim (1994). Souza, S. (2004)o2. UDC (2007)o1.
UDESC	Cutter (1969)o1. Dewey, M. (1995)o1. Foskett (1973). IBICT (1998). Lentino, N. (1971)o2. Mendes (1995). Oliveira (1980). Prado (1984). UDC (1997)o1.

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Considerando a duplicidade de alguns autores, indicou-se junto ao sobrenome: o1 para obra um e, o2 para obra 2, como forma de evidenciar quando se trata ou não do mesmo material. Na grande maioria a publicação é a mesma, apenas em uma nova edição. Mas há casos, como o de Souza, S., em que mais de um livro é sinalizado no conjunto de ementários analisados.

Como mostra o quadro acima, somente em 16 cursos foi possível a análise das bibliografias básicas em classificação. O acesso a estas foi feito via projeto pedagógico ou planos de ensino disponibilizados individualmente na web. Tem-se como fontes frequentes:

Gráfico 5: Fontes que mais se repetem nas ementas.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Conforme demonstra o gráfico acima, as fontes mais sinalizadas como bibliografia básica das disciplinas de classificação, são: Dewey:1980;1995;2003;2004;2011 (12); Piedade:1977;1983 (12); UDC:1987;1997;2007 (10); Langridge:1971;1977;2006 (9); Barbosa:1969 (8); Foskett:1973 (5); Souza, S.:2004;2009;2010 (5); Vickery:1980 (5); Lentino:1970;1971 (4); Campos e Menezes:1992 (3). Cutter:1969;1976 (3); Lentino:1967 (3); Mendes:1995 (3); e Silva e Ganim:1994 (3).

Em menor número, não representadas no gráfico, surgem: Alvares (2012); Cintra (2002); Guarido (2008); Guinchat e Menou (1994); IBICT (1996; 1998); Menezes e Campos (1987); Prado (1984); Ranganathan (1960); Silva, O. (2007); e Souza, S. (2001; 2002). Todas essas presentes cada qual em duas graduações. E também, aparecendo em um único curso: Araújo (2006); Anjos (2008); Bräscher e Café (2008); Broughton (2004); Burke (2003); Campos (1978); Centro (2011); Conferência (1979); Dias e Naves (2007); Fernández e Martínez (2002); Fontenele (2010); Gigante (1996); Guarido (2010); Hjørland (2011); Hunter (2002); Iyer (1995); Lara (2011); Lehnus (1978); Lima e Alvares (2012); Mai (2011); McGarry (1999); Mcilwaine (1998); Oliveira (1980); Pinto (1999); Ranganathan (1963); Silva, O. (2010); Slavic (2008); Souza, R. (2007); Vasconcelos (1992); e Vickery (1963).

A ênfase de boa parte dos cursos, como se percebe, é sobre fontes clássicas como o Sistema de Classificação Decimal de Dewey, de Melvil Dewey e, o Sistema de Classificação Decimal Universal, publicado pela UDC. Ambos são materiais básicos para o ensino na área, posto que constituem as próprias tabelas de classificação. Nota-se que as graduações indicam diversas edições de tais sistemas, especialmente no caso da CDD. Seria importante, contudo, a atualização nas bibliografias tanto desses sistemas decimais quanto de outras obras clássicas das quais aparecem duas e até três edições distintas, como forma de unificar e de manter as mais recentes.

Há também obras centrais como as de Piedade, Langridge e Barbosa, que – embora escritas e publicadas quarenta anos atrás – ainda fundamentam o trabalho sobre a teoria da classificação e também acerca da evolução dos principais sistemas de classificação bibliográfica. O mesmo é possibilitado por Foskett, Vickery, Lentino, Campos e Menezes, Mendes e Silva e Ganim. Deve-se ressaltar ainda, bibliografias como a de Souza, S., sinalizada em três edições distintas e que constitui manual significativo sobre a CDU e, a de Cutter, que consiste na tabela de notação de autor, fundamental para a atividade prática de classificação como são os próprios sistemas bibliográficos.

As fontes em destaque, acima, estão presentes em vários projetos pedagógicos. Questão que sinaliza para sua força e ainda, para um certo enlace curricular perceptível até pela semelhança de algumas ementas. Em certa medida é algo positivo pois demonstra a integração dos cursos em torno de uma linha comum de formação em classificação.

Outra questão importante é a inserção de fontes novas entre algumas bibliografias, tais como Alvares, Araújo, Anjos, Dias e Naves, Guarido e Lara. Dessa forma, os clássicos coexistem com essas obras publicadas mais recentemente, que trazem um olhar revisitado para o tema classificação e abarcam outras de suas dimensões. Há dentre essas não apenas o tradicional livro, mas também teses, capítulos de livros e artigos de periódicos, o que permite uma diversidade dos discursos formadores no assunto. Apesar de bastante incipiente, isso representa uma pequena renovação no eixo formativo em classificação.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa buscou analisar a ênfase dada nos cursos de Biblioteconomia nacionais para o tema classificação, a partir dos conteúdos e das fontes neles trabalhados. Percebeu-se o predomínio de abordagens clássicas e bibliografias mais tradicionais sobre o assunto. Nesse sentido, o pressuposto central da investigação é confirmado.

Entretanto, algumas grades curriculares trazem questões novas para a formação do classificador. São elas: UFPA, UnB, UFG, USP, USP-RP e UFSCAR, que buscam, além da teoria em classificação e nos sistemas de classificação, assim como a abordagem sobre CDD e CDU, instruir o discente em questões correlatas e complementares que auxiliarão na compreensão do ato classificatório e na sua consecução em unidades de informação. Ainda assim, trata-se de uma pequena parcela orientada para novas prerrogativas em classificação.

O mesmo acontece com relação às fontes. Os autores de maior destaque nas bibliografias básicas dos cursos – Piedade, Langridge e Barbosa – foram publicados quatro décadas atrás. Isso sem falar nas tabelas de classificação e de notação de autor, que também remontam a edições bastante clássicas, apesar de alguns cursos optarem pela indicação de versões mais recentes. Obras como as de Alvares, Araújo, Anjos, Dias e Naves, Guarido e Lara, embasadas nos clássicos, mas refletindo a temática hodiernamente, aparecem pouco.

O panorama geral sobre os cursos brasileiros de Biblioteconomia permitiu constatar, ainda, a distribuição do conteúdo de classificação em torno de duas disciplinas, que na maior

parte das graduações se estabelecem entre o 3º e o 4º períodos. Além disso, a nomenclatura presente na maioria delas é Representação temática. Também em destaque surgem designações como Esquemas, Sistemas ou Linguagens de classificação.

A perspectiva formativa em classificação demonstra, portanto, uma constituição didática clássica e tradicional, sustentada em ementas e bibliografias com uma linha até certo ponto comum entre os cursos nacionais. Evidencia-se ainda, um alinhamento em termos de quantidade, distribuição e nomenclatura das disciplinas, que acaba por conceber uma formação característica em classificação.

Estudos futuros podem se dedicar a um dado curso, explorando outros elementos determinantes para a formação em classificação a nível local, a âmbito de estágio ou mesmo de projetos de ensino. Esse tipo de desdobramento pode agregar também à compreensão de questões práticas da classificação e de seu elo com a teoria que a fundamenta.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Dulce Maria; ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de; CARLAN, Eliana. O escopo da análise da informação. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (org.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. p. 61-80.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Classificação**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1962.

BARBOSA, Alice Príncipe. Classificar. In: BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969. p. 13-20.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. rev. e atual. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2010.

BRÄSCHER, Marisa; CARLAN, Eliana. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (org.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. p. 147-176.

CAFÉ, Lúcia Maria Arruda; SALES, Rodrigo de. Organização da informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (org.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. p. 115-129.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

GOMES, Hagar Espanha. Marcos históricos e teóricos da organização do conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 33-66, maio/ago. 2017.

HJØRLAND, Birger. Is classification necessary after Google? **Journal of Documentation**, v. 68, n. 3, p. 299-317, 2012.

HJØRLAND, Birger. What is Knowledge Organization (KO)? **Knowledge Organization**, v. 35, n. 2/3, 2008.

JACOB, Elin K. Classification and Categorization: a difference that makes a difference. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 515-540, winter 2004.

KWASNIK, Barbara H. The role of classification in knowledge representation and discovery. **Library Trends**, v. 48, n. 1, p. 22-47, summer 1999.

MARCONDES, Carlos Henrique. O papel das relações semânticas na organização e representação do conhecimento em ambientes digitais. In: SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; SALES, Rodrigo de (org.). **Cenários da Organização do Conhecimento: linguagens documentárias em cena**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 129-168.

MORO CABERO, Manuela; ALONSO ARÉVALO, Julio; CARO CASTRO, Carmen. Metodología para la elaboración de un manual de aprendizaje de uso de la CDU. **Organización del Conocimiento en Sistemas de Información y Documentación**, n. 2, p. 149-157, 1997.

OLIVEIRA, Lais Pereira de. Formação e prática em indexação e resumos: um estudo com discentes da graduação em Biblioteconomia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 25-39, 2018.

SALES, Rodrigo de. Representação de domínios em Biblioteconomia e Arquivística. In: SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; SALES, Rodrigo de (org.). **Cenários da Organização do Conhecimento: linguagens documentárias em cena**. Brasília: Thesaurus, 2011. p. 45-70.

SILVEIRA, João Paulo Borges da. O ensino de representação temática da informação a distância: a experiência da Universidade de Caxias do Sul – UCS. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 20, n. 3, p. 500-514, set./dez. 2015.

SMIRAGLIA, Richard P.; VAN DEN HEUVEL, Charles. Classifications and concepts: towards elementary theory of knowledge interaction. **Journal of Documentation**, v. 69, n. 3, p. 360-383, 2013.

SOUSA, Brisa Pozzi de; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. A classificação bibliográfica no contexto do tratamento temático da informação: um estudo com protocolo verbal individual em bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 18, n. 1, p. 796-813, jan./jun. 2013.

SOUZA, Rosali Fernandez de. Organização do conhecimento. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 103-123.

TORRES, Simone; ALMEIDA, Mauricio B. Classificação: uma operação inerente às linguagens documentárias? **DataGramaZero**, v. 16, n. 2, jun. 2015.